

C viv [UM]:

Experiência mística de encontro e de UNIDADE com Cristo



Ensaio feito por

Tâmer Ramos da Fonseca

CVX Brasil

MAGIS IV

Novo Tempo

(Nizan Guanaes e Maria Célia Monteiro - Grupo OPA)

Acordar, o mundo vai acordar
só para lhe ouvir cantar
por um novo tempo.
Tempo, em que não vai ser em vão
a luta de cada mão,
tanto sofrimento.
Vem, virá, eu sei que ele virá
em busca de quem quiser
seguir os seus passos.
Virá, em forma de vinho e pão,
na força da comunhão,
abrindo os seus braços.
Acordar, o mundo vai acordar,
eu sinto em cada olhar
chegar o momento.

Virá, no homem que canta,
na voz que levanta
e clama sem medo
por um novo tempo.

2



“o Convivium é espaço privilegiado de encontro com Deus na Eucaristia, na Palavra e no Outro. Lugar propício de perceber a missa dominical como experiência comunitária de vivência do evangelho, e a eucaristia como exercício espiritual. É tempo de convívio e partilha entre amigos, que comungam da mesma fé e se reconhecem na espiritualidade inciana. É, também, comungar do MAGIS inciano desde o que temos de ritual mais característico na Igreja, a fração do pão”.

(Ana Carolina Almeida, estudante de Engenharia)

índice

Introdução	p.4
1. De Jesus de Nazaré à Igreja primitiva	p.5
1.1 A experiência das primeiras comunidades	p.6
1.2 A Igreja dos apóstolos: modelo e fundamento para os tempos atuais.....	p.7
2. A Igreja Católica, a partir do Concílio Vaticano II	p.10
2.1 Por uma Igreja em diálogo com “os cristãos leigos”	p.11
2.2 As características próprias de Uma Igreja Universal	p.15
3. Igreja, cultura e sociedade	p.15
3.1 A Igreja em dialogo com CULTURA e a SOCIEDADE	p.17
3.3 A Igreja e os seus desafios na pós modernidade	p.19
4. Missão: finalidade e razão de ser Igreja	p.20
4.1 Os exercícios espirituais modo de sentir a Igreja e corresponder os desafios atuais.....	p.22
4.2 A experiência do Convivium: um olhar da IGREJA sobre a JUVENTUDE.....	p.23
4.3 Testemunhos dos Jovens sobre o Convivium: um lugar de encontro, de beleza e de encantamento	p.26
5. Conclusão	p.27
6. Bibliografia	p.27
7. Anexos	p.28

Introdução

Ao estarmos mergulhados numa cultura rotineira, em vivências superficiais, parece-nos que o cotidiano torna-se o mesmo carregados de desencantos. De fato, vivemos preocupados em fazer o habitual que não tem nenhum maior impacto na realidade social-eclesial. Neste caso, a sensação é de que falta um horizonte que unifique tudo, que possibilite-nos orientar e reorientar e canalizar as nossas potencialidades, impulsos, inspirações, que desperte em nós, paixões e um sentido para missão como cristão.

Se por um lado a sociedade se encontra em profundas transformações. O ideal é que façamos uma reflexão: qual é o papel da Igreja mediante a esta realidade de mudanças? E como ela pode se posicionar diante de uma nova orientação global, já que ela faz parte deste mundo? Será que a Igreja tem pensado nessas questões? É neste contexto de transformações que a Igreja, sobretudo no contexto do Concílio Vaticano II, ao se deparar com essas situações, repensa e propõe alguns meios para que, ela mesma, possa acompanhar tais mudanças, propondo uma Igreja mais atenta as necessidades da atualidade e também por uma Igreja mais aberta e mais acolhedora.

Diante desta realidade, posso dizer que o Convivium quer ser este espaço de fraternidade entre os membros, fazendo com que *“homens e mulheres contribuam para o bem da Igreja, pois, segundo os sagrados pastores, os serviços e os carismas dos leigos **cooperam unanimemente na tarefa comum**” (LG 30)*. Este estilo de celebração trás uma perspectiva de Igreja diferente, onde o protagonismo do leigo e, sobretudo a participação da juventude na celebração, rememora a experiência das comunidades primitivas, através da oração pessoal, da partilha, da fração do pão, da fraternidade e da convivência.

Ao redescobrir este jeito de celebrar a eucaristia ajuda o jovem, e também a outros, a experimentar uma Igreja que quer ser uma comunidade e colocar tudo em comum. Ao mesmo tempo, percebo que o encontro pessoal e profundo com Jesus na eucaristia e na oração pessoal, possibilita-nos a termos mais esperança e a superarmos os desafios cotidianos existentes na missão, que com disponibilidade e com confiança em Deus, a presença do Espírito em nossas vidas, nos ajuda a continuarmos neste caminho em direção ao Reino de Deus. Recuperar este dinamismo na celebração da eucaristia, pautada nas experiências das primeiras comunidades, percebo que é um modo de sentir uma Igreja encarnada na pessoa de Cristo.

1. De Jesus de Nazaré à Igreja primitiva

Ao começarmos esta reflexão deveríamos nos perguntar qual é a relação de **Jesus Cristo** com a Igreja? De acordo com as primeiras comunidades a formação de Igreja, não pode deixar de ser mencionada sem a percebermos que Jesus Cristo é o centro da fé cristã.

Falar sobre a Igreja primitiva é dizer que esta Instituição teve origem, a partir de um acontecimento, inspirada no seu fundador. Muitas pessoas se questionam se Jesus fundou a Igreja? Esta é uma pergunta que fazem sempre... Daí é importante perceber que o fato fundante está na própria experiência de vida das pessoas que conviveram com Jesus Cristo. Em Pentecostes, podemos dizer que, foi o lugar privilegiado no protagonismo dos apóstolos em articular a experiência vivida com Jesus, como por exemplo o apóstolo Pedro, e propaga-la como fez, o missionário Paulo, embora não tenha convivido diretamente com Jesus, com a disponibilidade de levar a Boa-Nova a todos sobretudo os gentios.

Segundo Pié-Ninot (2006:18) a questão crítica sobre *“singular fundação da Igreja por obra de ‘Jesus de Nazaré’ não foi levantada apenas a partir do Iluminismo (...), pois algumas expressões como ‘instituir’, ‘fundar’ e ‘edificar’ para externalizar a relação subsistente entre Jesus de Nazaré e a Igreja, é argumentada nos atos principais sejam elas: a vocação e a missão dos Doze, a Instituição do primado de Pedro e a sua sucessão, a transmissão do tríplice poder de Cristo para os apóstolos (‘ensinar’, ‘santificar’ e ‘governar’) e a instituição da eucaristia como nova aliança”*.

Nas Sagradas Escrituras encontramos muitos elementos teológicos a respeito da pregação e da missão que os apóstolos adquiriam. Para ser membro dessa comunidade primitiva havia algumas exigências, dentre eles: à conversão à fé em Cristo, o batismo, o dom do Espírito de Pentecostes, a celebração eucarística e o amor efetivo entre os membros.



1.1 A experiência das primeiras comunidades

As experiências das primeiras comunidades se dá a partir de uma pessoa, que é Jesus Cristo. Para explicitar essas experiências, podemos iluminá-las com algumas imagens e conceitos daquilo que os apóstolos vivenciaram.

Na teologia paulina, por exemplo, Paulo o seguidor, embora não tenha convivido diretamente com Jesus é aquele que prega e leva a Palavra a todos. Paulo nos chama atenção para dizer que o homem ao se circuncidar deve observar a lei e mesmo aquele que a observa em si, está separada de Cristo. A grande questão não é estar circuncidado ou incircunciso, mas a fé que é um dinamismo que leva ao amor, que brotam da fé, não como mérito, em virtude dos quais o homem se salva por suas forças. A fé ativa a caridade, isto é, o exercício da caridade manifesta a fé que deve ser viva.

Paulo não utiliza conceitos, mas sim imagens, porque ele tinha mais instrução. É uma teologia contextualizada, pois Paulo não dá soluções para as comunidades, mas aquilo que as pessoas da época precisavam para sua conversão. Neste contexto, Paulo ressalta a questão da colaboração entre os membros, para edificação entre a relação Batismo, eucaristia, Igreja. Esta perspectiva ajudava muitas comunidades que haviam muitos problemas.

Em sua eclesiologia Paulo fala da experiência com a colaboração do Espírito Santo, pois habita em nós, tornando-nos novas criaturas, pois é Ele quem nos ensina a seguir Jesus, a orar, a servir, a sermos fecundos. Ele nos ensina a orar e pensar o serviço e, com a diaconia, a continuidade da missão. Paulo ressalta que é no batismo que nos torna novas criaturas.

Na eclesiologia de Mateus Jesus é apresentado como o novo Moisés, pois é a pedra angular, porque edifica a Igreja: *“Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus”* (Mt 16,18-19). Mateus é o único Evangelho que traz as questões da comunidade *Ekklesia* (em grego *Εκκλησία*) que significa a convocar e congregar.

Já na eclesiologia de Lucas traz uma perspectiva da história de salvação. O Evangelho fala da história de Jesus que vai até adão, o objetivo é falar da obra da salvação. Em Lucas também mostra que a presença do Espírito Santo, tem a função muito importante, que é ressaltar a missão de Cristo que se apresenta com uma prática solidária.

Em João o evangelista dá ênfase na prática do amor que gera comunhão entre os membros. A característica marcante em João é o relacionamento pessoal amoroso com Jesus. Diante desta perspectiva, o texto de João que através da comunhão fraterna entre os membros gera o compromisso, a ética comunitária e solidária. Ele ainda ressalta que permanecendo no amor de Jesus, suscita em nós, a partir do seu mandamento e da sua palavra a sermos mais fecundos e produzirmos mais frutos.



1.2 A Igreja dos apóstolos: modelo e fundamento para os tempos atuais

Pode –se dizer que o período apostólico da Igreja primitiva trás de modo expressivo a revelação plena da pessoa de Jesus Cristo. É a época que rapidamente os cristãos tornaram-se comunidade, na qual o Batismo tinha a finalidade de designar os seguidores de Jesus.

O modelo de vida nesta época era pautada na oração, a fração do pão, o ensinamento dos apóstolos e a partilha dos bens:

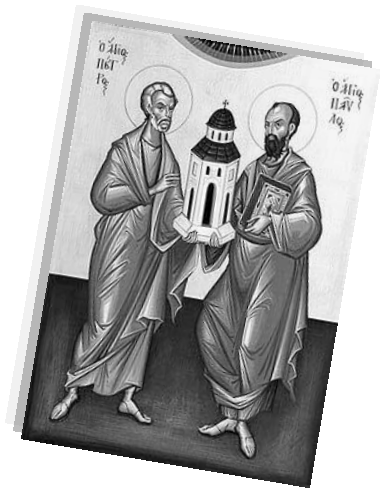
“Perseveravam eles na doutrina dos apóstolos, na reunião em comum, na fração do pão e nas orações. De todos eles se apoderou o temor, pois pelos apóstolos foram feitos também muitos prodígios e milagres em Jerusalém e o temor estava em todos os corações. Todos os fiéis viviam unidos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e os seus bens, e dividiam-nos por todos, segundo a necessidade de cada um. Unidos de coração frequentavam todos os dias o templo. Partiam o pão nas casas e tomavam a comida com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e cativando a simpatia de todo o povo. E o Senhor cada dia lhes ajuntava outros que estavam a caminho da salvação.” (cf. At 2,42-47)

Aos poucos a comunidade primitiva se via desafiada com a entrada dos gentios havia alguns comportamentos díspares, no seio da comunidade cristã. Aqui pode-se dizer que os apóstolos tiveram grande importância e referência para as comunidades. Algumas observações estão presentes, sobretudo na primeira carta aos Tessalonicenses, onde se pede *“consideração para com aqueles que se afadigam entre vós e, no Senhor, vos presidem e a admoestam”*(1 Ts 5, 12).

Neste contexto, Pié- Ninot (2006:18) salienta que havia *“diversidade dos ministérios e dos serviços nos seios das primeiras Igrejas paulinas, em meio às quais se salienta o ministério daqueles que eram chamados ‘inspetores’ (em grego, ‘bispos’), além dos ‘diáconos’ ou servidores (Fl 1,2). Nessas Igrejas paulinas são enumerados muitos carismas a serviço da comunidade (1Cor 12)”*.

Essa época apostólica se refletia, também, no testemunho inspirado no Novo Testamento, que completa o Antigo e o reconhece como sua primeira parte. É um período marcado com a progressiva institucionalização da *“comunhão/comunidade”*, na qual se destaca o papel dos sucessores dos apóstolos, cujo *“ministério eclesial” é exercido em diversas ordens pelos, que desde a antiguidade, são chamados de bispos, presbítero e diáconos.* (LG, n° 28)

A imagem dos apóstolos Pedro e Paulo serve como um retrato entre as duas tendências e palavra final, como figura autorizada da Igreja Primitiva, norma e fundamento da Igreja de todos os tempos.



Podemos dizer que a Igreja Católica define-se pelas palavras do Credo Niceno-Constantinopolitano como:

* **UNA** é a **única** instituição verdadeiramente fundada e encabeçada por **Cristo** para reunir o povo de **Deus**, porque ela tem como alma o *Espírito Santo* unindo todos os fiéis na comunhão em Cristo. Esta Igreja propõe uma só fé, uma só vida sacramental, uma única sucessão apostólica, uma comum esperança e a mesma **caridade**.

* **SANTA** por causa da sua ligação única com Deus, o seu Autor, porque *"o Espírito Santo vivificou-a com a caridade"* e porque ela é a *"Esposa de Cristo"*; também porque ela, através dos sacramentos, tem por objetivo santificar, purificar e transformar os fiéis, reunindo-os todos para o seu caminho de *santificação*, sua finalidade é a **salvação**, que consiste na **vida eterna**, na realização final do **Reino de Deus** e na obtenção da **santidade**.

* **CATÓLICA** porque a Igreja é universal, no sentido universalizável, ou seja, a proposta de Jesus é para todas as pessoas, em todas as épocas e em todos os tempos. A **Igreja Católica** está espalhada

por toda a **Terra**; é portadora da integralidade e totalidade *depósito da fé*; "*leva e administra a plenitude dos meios*" necessários para a *salvação*" (*incluindo os sete sacramentos*), *dados por Jesus à sua Igreja*; "é enviada em missão a todos os povos, em todos os tempos e qualquer que seja a cultura a que eles pertençam"; **e nela está presente Cristo**.

* **APOSTÓLICA** porque a Igreja é fundamentada na doutrina dos **Apóstolos** cuja missão recebeu **sem ruptura**. Segundo a *Doutrina Católica*, todos os Bispos da Igreja são sucessores dos Apóstolos e o *Papa*, Chefe da Igreja, é o sucessor de **São Pedro** ("Príncipe dos Apóstolos"), que é a *pedra* na qual Cristo edificou a sua Igreja.



Além disso, a Igreja, de entre os seus inúmeros nomes, também é conhecida por:

- **Corpo de Cristo** porque os católicos acreditam que a Igreja não é apenas uma simples *instituição*, mas um corpo místico constituído por *Jesus*, que é a Cabeça, e pelos fiéis, que são membros deste corpo único e divino. Este nome é assente também na fé de que os fiéis são unidos intimamente a Cristo, por meio do *Espírito Santo*, sobretudo no sacramento da *Eucaristia* .

A Igreja Católica acredita que os cristãos não católicos também pertencem, apesar de um modo imperfeito, ao Corpo Místico, visto que tornaram-se uma parte inseparável d'Ele através do Batismo - constituindo assim numas das bases do *ecumenismo* atual. Ela defende também que muitos elementos de *santificação* e de verdade estão também presentes nas Igrejas e comunidades cristãs que não estão em plena comunhão com o Papa .

- **Esposa de Cristo** porque o próprio Cristo "*Se definiu como o «Esposo»* (Mc 2,19) *que amou a Igreja, unindo-a a Si por uma Aliança eterna. Ele entregou-se a Si mesmo por ela, para a purificar com o Seu sangue, «para a tornar santa»* (Ef 5,26) *e fazer dela mãe fecunda de todos os filhos de Deus*" .

- **Templo do Espírito Santo** porque o *Espírito Santo* reside na Igreja, no Corpo Místico de Cristo, e estabelece entre os fiéis e Jesus Cristo uma comunhão íntima, tornando-os unidos num só Corpo. Para além disso, Ele guia, toma conta e "*edifica a Igreja na caridade com a Palavra de Deus, os sacramentos, as virtudes e os carismas*".

2. A Igreja Católica a partir do Concílio Vaticano II

Ao começarmos esta reflexão, deveríamos supor que o sentido de Igreja, tal como concebemos hoje, na sua estrutura, na sua essência, tem a contribuição do Concílio Vaticano II. E o que foi Concílio? Quais eram as suas preocupações e questões a serem discutidas?

Concílio Ecumênico da Igreja Católica, foi convocado no dia 25 de janeiro de 1961, através da bula papal "*Humanae salutis*", pelo Papa João XXIII. Este mesmo Papa inaugurou-o, a ritmo extraordinário, no dia 11 de outubro de 1962. O Concílio, realizado em 4 sessões, só terminou no dia 8 de dezembro de 1965, já sob o papado de Paulo VI. Seu objetivo foi discutir a ação da Igreja nos tempos atuais, ou seja, a sua finalidade era "*promover o incremento da fé católica e uma saudável renovação dos costumes do povo cristão, e adaptar a disciplina eclesial às condições do nosso tempo*" e do mundo moderno. Por outras palavras, o Concílio pretendeu a atualização e abertura da Igreja.

Para contextualizar o Concílio o Papa João XXIII "*imaginava o Concílio como um «novo Pentecostes» [...] uma grande experiência espiritual que reconstituiria a Igreja Católica*" não apenas como instituição, mas sim "*como um movimento evangélico dinâmico [...] e uma conversa aberta entre os bispos de todo o mundo sobre como renovar o Catolicismo como estilo de vida inevitável e vital*".

Por esta razão, ao contrário dos concílios ecumênicos anteriores, preocupados mais em condenar heresias e em definir verdades de fé e de moral, o Concílio Vaticano II "*teve como orientação fundamental a procura de um papel mais participativo para a fé católica na sociedade, com atenção para os problemas sociais e económicos*". Aliás, o próprio Papa João XXIII teve o cuidado de mencionar a diferença e a especificidade deste Concílio: "*a Igreja sempre se opôs a [...] erros; muitas vezes até os condenou com a maior severidade. Agora, porém, a esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia do que o da severidade. Julga satisfazer melhor às necessidades de hoje mostrando a validade da sua doutrina do que renovando condenações*".

O Concílio apenas queria dar uma nova orientação pastoral à Igreja e uma nova forma de apresentar e explicar os dogmas católicos ao mundo moderno, mas sempre fiel à Tradição. O próprio Papa João XXIII afirmou que "*o que mais importa ao Concílio Ecumênico é o seguinte: que o depósito*

sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz". Para satisfazer esta sua intenção, o Papa queria ardentemente que a Igreja mudasse de mentalidade, para poder melhor enfrentar e acompanhar as transformações do mundo moderno.

Desse modo, o Concílio Vaticano II tentou interpretar a sua realidade, a qual vivia no contexto de uma Igreja centralizada, em direção a uma Igreja de comunhão com as pessoas, compreendendo cada um e cada uma na suas diferenças, possibilitando que as pessoas pudessem participar das decisões. Aqui fica claro que o Concílio nos trouxe uma reflexão de uma Igreja distante para uma Igreja solidária com o mundo, pois foi o momento crucial em que a Igreja dialoga com o humanismo e valores secular.

2.1 Por uma Igreja em diálogo com “os cristãos leigos”

A eclesiologia do Vaticano II, pode-se dizer, que concentra, sobretudo, na constituição dogmática da: *Lumen Gentium*, visa explicitar a doutrina sobre a natureza e missão da Igreja e da *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo de hoje, refletindo sua presença e atuação no mundo.

Na constituição dogmática da *Lumen Gentium*, por exemplo, coloca em relevo a concepção da Igreja considerada sob um ponto de vista dinâmico, como “um povo de Deus em marcha”. Segundo Teppedino, (2011:73) esse povo de Deus *é uma comunidade de homens e mulheres, sujeitos a mudanças, onde o elemento fundante – imutável é Jesus Cristo. Essa compreensão vai contra uma concepção imutável e essencialista de Igreja. Vemos, porém, que a Expressão LUZ dos POVOS refere-se primeiramente a Jesus Cristo. Em segundo lugar, e somente em caso de haver fidelidade a Jesus Cristo é que se pode atribuir a expressão Lumen Gentium à Igreja.*

Podemos dizer que a Igreja do Vaticano II ao se definir como imagem bíblica do Povo de Deus, povo de batizados, que tem a mesma fé, a mesma Escritura, povo que se nutre da Eucaristia, possui pluralidade de carismas do Espírito (LG 12). Esta imagem Povo de Deus é conhecida desde o Antigo Testamento, e nos mostra o povo de Israel fazendo a experiência e se autodenominando Povo de Deus, escolhido, eleito para uma missão. Essa denominação nos recorda uma caminhada histórica, dinâmica e processual, e com erros e acertos.

No Novo Testamento São Paulo utiliza esta imagem Povo de Deus, primeiramente para referir-se à Igreja Local de Corinto e depois para outras comunidades que funda. No entanto, a grande questão é perceber que o Concílio sublinha o que é comum a todos na Igreja: o Papa, os bispos, os leigos/as leigas, os padres, têm a mesma condição cristã, ou seja, o Concílio Vaticano II nos traz uma reflexão sobre as diferenças entre a hierarquia e o laicato.

Para nós leigos/as esta foi uma virada de fundamental importância, pois superou pelo menos em nível teórico, uma concepção negativa do laicato. O leigo ou a leiga, aqui neste contexto, é alguém não é o religioso, isto é, o sacerdote, mas sim alguém chamado a participar como corresponsável na missão da Igreja.



Para que a família de Deus tenda para a unidade é necessário relações de comunhão entre a hierarquia e leigos. No capítulo IV dedicado aos leigos, a LG afirma:

“Um é, pois o povo eleito de Deus: um só Senhor, uma só fé, um só Batismo”.(Ef 4, 5)



Foto 1: Celebração de um Batismo de um jovem que acompanhei no curso de Crisma ao longo deste ano.

Aqui percebemos que comum é a dignidade dos membros pela regeneração em Cristo. Comum a graça dos filhos. Comum a vocação à perfeição. Uma só salvação, uma só esperança e indivisa a caridade. Não há, pois em Cristo e na Igreja, nenhuma desigualdade em vista de raça ou nação, condição social ou sexo, porquanto:

“Não há judeu ou grego, não há servo ou livre, não há varão ou mulher, por que todos vós sois um em Cristo Jesus”. (Gl 3, 28)



Desse modo, podemos perceber que esta dignidade dos leigos/as, enquanto participantes da mesma vocação batismal, é explicitada pela LG 32:

Os leigos participam da missão salvífica da Igreja, pois foram chamados a este apostolado pelo Senhor através do Batismo e da Confirmação. Eles são chamados a tornar a Igreja presente e operante em lugares e circunstâncias como sal da terra. Podem colaborar imediatamente com o apostolado da hierarquia e também determinados ofícios, como por exemplo, o espiritual. Assim em virtude dos dons que receberam tornam-se testemunhas e instrumentos vivos da própria missão da Igreja.

Já no documento da *Gaudium et Spes* traz uma perspectiva unitária, pois compreende a pessoa humana na sua dignidade espírito na matéria, corpo/alma, coração/ consciência, inteligência/vontade (GS 3b e 14). Podemos dizer que estas dimensões: pessoa, comunidade e trabalho são enfatizadas no documento.

Para se criar uma sociedade nova, onde vigorem novas relações, é preciso que a pessoa humana seja respeitada em sua dignidade que possa relacionar bem dentro de uma comunidade renovada e que consiga um trabalho que seja reconhecido e valorizado, pois a pessoa só se realiza dentro de uma comunidade, que acolha, a respeite, ajude no seu crescimento, e também que possua meios de se sustentar através do trabalho.



Foto 3: Experiência de jovens universitários na ACVM (associação de Comunidades de vida Mariana) na Missão Urbana 2012.



Foto 4: Jovens voluntários ao término do seu trabalho com pessoas em situação de rua na ACVM – 2012.



Foto 5: Jovens enviados para a Missão Urbana Rio em julho de 2012.

Através da Constituição *Gaudium et Spes*, verificamos que o Concílio pretende falar a todos e a todas, a fim de esclarecer o mistério da pessoa humana e cooperar na descoberta de soluções dos principais problemas do nosso tempo. Para isso a fé possibilita ver as coisas com uma luz nova e permite das soluções humanas aos problemas humanos (GS 11).

Portanto, a fé não é algo meramente espiritual que provoque um afastamento da realidade, mas, ao contrário o documento afirma que o progresso humano é de grande interesse para o Reino de Deus (GS 39b). Dessa forma, fornece fundamento para o compromisso do cristão no mundo a partir de sua fé.

Esta compreensão nova de igreja, que volta à Igreja primitiva, com sua preocupação com a missão de levar ao mundo a Boa Nova de Jesus, nos faz reconhecê-la como sacramento de salvação, que é o que procuraremos refletir.

2.2 Características próprias de Uma Igreja Universal

A substituição de um modelo eclesial, voltado para o aspecto jurídico-institucional pelo modelo de Igreja entendida como Sacramento Universal de salvação supõe uma mudança teológica: a Igreja passa de uma auto-compreensão como Sociedade Perfeita para entender-se como Sacramento Universal de Salvação, sacramento da unidade com Deus na história. Ao tratar da Igreja como Sacramento de Deus na história, devemos ressaltar que a Eclesiologia assumidos pelo Vaticano II:

* Igreja “Mysterium” – quer dizer que é uma volta aos Santos, Padres (Patrísticas) que apresentavam Igreja como mistério ;

* A Salvação enquanto Comunhão- a Igreja numa “íntima união com Deus e a unidade com todo o gênero humano” (LG 1) ;

* A relação Igreja – Reino- a Igreja deve ser compreendida a partir do Reino e em função do mundo, isto é, ela precisa viver a solidariedade dentro das situações concretas, em relação à fome, à saúde, à educação, à dignidade de vida, (cf. Mt 25, 36-43) ;

Esta concepção da Igreja é consequência de ser ela a continuadora de Jesus Cristo através da história. Na verdade, a salvação cristã, é ao mesmo tempo, pessoal e social. Desse modo ao integrarmos o EU e o NÓS, é preciso que percebamos que as nossas opções por Jesus seja visível no mundo. No entanto, precisamos viver dentro de uma realidade injusta, lutando contra tudo o que desumanize as pessoas. Dessa maneira ela é sinal de Jesus, sinal de salvação e do Reino no mundo. Para isso, é importante lutar para superar, mesmo que parcialmente, contra os males, e as insatisfações, e as carências.

3. Igreja, cultura e sociedade

Para fazermos esta reflexão sobre a Igreja e a cultura e a sociedade, primeiramente, devemos considerar a Instituição Igreja de caráter humano-divina. Divina por que ela deve ter a identidade do próprio Deus e manifestado na pessoa de Jesus Cristo e; na presença do Espírito que, na sua dinamicidade, a santifica. Desse modo, podemos dizer humana por possui uma identidade, que é encarnada na história por homens e mulheres que se relacionam e professam a sua fé.

Diante de tais considerações, vamos percorrer e buscar na história da Igreja elementos que são essenciais para nos ajudar a explicar alguns embates e choques de pensamentos de pessoas em relação a instituição Igreja, diante de um contexto pós- moderno e contemporâneo.

No interior da Igreja há estruturas e organizações que, desde o seu surgimento, nos dão sinais que, ao invés de continuarmos numa experiência de pequenas comunidades de discípulos e apóstolos

de Jesus, a Instituição vai buscando rumos diferentes das experiências anteriores, ou seja, de uma comunidade pequena, partilhada entre os membros; temos então uma Igreja hierarquizada, com categorias de pessoas, ofícios e funções, direitos e deveres, status e prestígios sociais. Algumas características como desta época continuam nos tempos atuais.

Podemos dizer que a figura do Papa, dentro dessa perspectiva, nos dá uma ideia de Imperador, alguém que tem poder sobre a Igreja universal nas diversas partes do mundo. Desse modo, há de se notar que acontece uma centralização romana na Igreja em detrimento da autoridade episcopal. Segundo Miranda (2009:75) *a sede romana se torna eixo pelo qual Deus leva adiante seu desígnio salvífico, eixo sustentado pelas estruturas jurídicas do feudalismo*¹. Naturalmente, tal situação gerou reações no interior da Igreja. Dentro desse contexto, percebemos que há traços de uma Igreja mais fechada, sob uma *sociedade organizada, compostas de cardeais e secretarias, tendo o seu cume o papa, assistida pelas congregações romanas*.

A Igreja, neste âmbito, cada vez mais é vista e ressaltada como menos comunidade de fiéis, como bem coloca Miranda (2009:76) a *Igreja menos (Congregatio Fidelium), para ser mais uma Instituição, com seus meios e prescrições, isto é, pessoas da hierarquia encarregadas de urgir tais meios, pois a igreja, é compreendida como aquela que se basta em si mesma, por que é uma sociedade perfeita, dotada de tudo o que necessita para realizar sua finalidade*.

Nos séculos XIX e XX a Igreja católica, pode-se dizer assume algumas configurações específicas por uma contracultura em oposição à sociedade que estava surgindo. As características, do então Antigo Roma em 1870, passa a ser então questionadas depois da queda de Roma, como o Catolicismo como religião Oficial, a unidade religiosa como fundamento da unidade civil, a Igreja vai buscá-lo numa visão idealizada da Idade média, procurando refazer uma cristandade perdida.

Aos poucos a Igreja diminuía suas forças nos sínodos locais, uniformizando devoções e práticas litúrgicas em direção uma crescente centralização da vida católica em torno do papa, ou seja, a Igreja, neste período ver na sua Santidade o papa e na suas congregações, o nervo central da fé dos cristãos.

Neste período a Igreja começa a apresentar um novo horizonte de compreensão e sobretudo se vê preocupada com os novos valores que impregnavam a sociedade. Se por um lado, nós víamos uma Igreja preocupada e confinada com seu espaço limitado, por outro lado, a Igreja se mostra mais atenta e bem mais organizada para melhor ajudar seus membros, criando um meio social adequado que correspondessem aos anseios do católicos, buscando uma Igreja aberta, acolhedora e com novas perspectivas .

¹ Miranda (2009), Ibid., *L'Église de Saint Augustin à l' époque moderne*, Paris : Cerf, 1997. P.105-17.

Com o Concílio Vaticano II, neste contexto, assume alguns desafios sobretudo na mudança de configuração eclesial. Os desafios foram inúmeros dentre eles: repensar e avaliar a cultura da modernidade, assumindo elementos que fossem significativos e apropriados a época; a dimensão pastoral, suas contribuições nas Igrejas locais e a tão necessária inculturação da fé.

Mesmo com todos os desafios e dificuldades que surgiram ao longo da história da Igreja, notamos que, embora ainda timidamente percebamos, foram lançadas algumas sementes neste Concílio que modificou e que trouxe uma nova visão de ser e atuar na Igreja. Também, diante desta realidade, não podemos negar que o passado, sobretudo no tempo da cristandade, pesa fortemente na Igreja de hoje.

3.1 A Igreja em diálogo com a CULTURA e com a SOCIEDADE

Diante de uma nova configuração de sociedade, sobretudo nos tempos atuais, em que há presente sentimentos de crise de valores, crises de identidades, culturas midiáticas, expressões diversas em nosso meio... parece que nós estamos sendo engolidos pela a massificação de ideias, conceitos, diante de uma sociedade pós-moderna. Daí então nos perguntamos o que a Igreja, nesta realidade se posiciona e se coloca neste movimento? O que Ela, a Igreja, pode nos dizer para responder os desafios dos tempos?

Neste sentido, ao refletirmos sobre a historicidade do conceito de Igreja, Hans Kung (1968) faz um panorama sobre o contexto, em que se encontra a Igreja no terceiro milênio. Segundo o autor, estamos vivendo em uma era em que tudo se encontra rápido, instrumentos recém inventados, grandes pesquisas, métodos racionalizados de produções e entre outros. No entanto, se por um lado a sociedade se encontra numa realidade de profundas transformações, por outro lado, essas mudanças nos permitem ver grandes catástrofes e ameaças diante dos tempos.

Para Hans Kung, é necessário que façamos uma reflexão: qual é o papel da Igreja mediante a esta realidade de profundas mudanças? E como ela pode se posicionar diante de uma nova orientação global, já que ela faz parte deste mundo? Será que a Igreja tem pensado nessas questões? É neste contexto de transformações que a Igreja, ao se deparar com essas situações, repensa e propõe alguns meios para que, ela mesma, possa acompanhar essas evoluções. Evoluções estas que possam responder aos desafios atuais, propondo uma Igreja mais aberta e acolhedora, e quem sabe mais unida com as Igrejas não cristãs, entre elas podemos citar: o budismo, o islamismo, o hinduísmo, e entre outras.

Diante desta questão, podemos dizer que o Concílio Vaticano II, um concílio ecumênico, nos trouxe *uma reflexão sobre a Igreja Católica, pois ela buscou proporcionar uma adequação ao mundo moderno, com suas grandes questões e desafios; encarnando-a na história, se preocupando pelas*

peças humanas, especialmente com pobres, como era no começo (cf. Eclesiologia encontro com a Igreja de Jesus Cristo, Ibid. p. 66).

Sob esta perspectiva a Igreja tem o desafio de corresponder os anseios da sua realidade local. Um ponto a ser considerado é perceber na catolicidade da Igreja algo que seja característico no seu lugar próprio. Para isso a Igreja deverá se inserir no contexto sociocultural onde se encontra (AG, n.10), aproveitando a sabedoria, as artes e as instituições dos povos para expressar a Glória do Criador (AG, n. 22). Contudo, vale a pena lembrar das palavras de João Paulo II ² num pronunciamento que Miranda (2009: 83, apud João Paulo II, 1984) ressalta e merece ser citado:

Tais experiências específicas dizem respeito seja à palavra Deus que deve ser lida e compreendida à luz dos dados surgidos do próprio caminho existencial; seja à oração litúrgica que deve tomar da respectiva cultura os sinais, os gestos e as palavras que servem à adoração, ao culto e à celebração; seja à reflexão teológica que deve recorrer às categorias mentais de cada cultura.

Para uma mudança significativa e atrativa nos tempos de hoje, é necessário um posicionamento e um modo próprio de ver e ser Igreja, isto é, um novo e próprio de ser da Igreja como comunidade de fiéis, cuja finalidade é levar a salvação de Jesus Cristo.

Esta mentalidade de ser Igreja, sendo esta que corresponde as necessidades e urgências do tempos atuais, deve ser motivada e percebida através do próprio Espírito Santo que tem o papel de atualizar e mediar as comunidades, levando-as a uma profunda experiência pessoal com o próprio Cristo.

Segundo o Documento de Aparecida (2007), na medida em que o contexto sociocultural experimenta transformações significativas também a Igreja deve repensar e se posicionar, levando a mensagem do Evangelho em consonância com a nova realidade: *A Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade a audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais(...) em que “homens e mulheres novos” sejam protagonistas de uma vida nova para a América Latina (DAp, n.11).* Por esse motivo, podemos dizer que para concretizar, ou melhor, ter uma nova configuração eclesial devemos considerar que é preciso ter uma realidade missionária da Igreja.

² João Paulo II. Alocução à Cúria romana (21 dez, 1984). AA 77 (1985) 505.

Diante desta questão, Miranda (2009:90) salienta que a *“firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais”* da Igreja. Isto implica, segundo Ele, uma conversão pastoral, ou seja, uma conversão que nos ajude, sobretudo nos tempos de hoje, escutar com atenção e discernir o que o Espírito está dizendo às Igrejas.

Esta conversão pastoral pressupõe voltar-se para a sociedade concreta com seus anseios, limitações, valores, e entre outros, a fim de perceber como melhor transmitir a mensagem evangélica. Trata-se do ser humano ter *“uma atitude de permanente conversão pastoral, que implica abertura para o novo, liberdade diante do tradicional, e uma incessante busca de “novas formas para evangelizar de acordo com as culturas e as circunstâncias”* (DAp, n.369)

3.2 A Igreja e os seus desafios na pós modernidade

Podemos dizer que o sentido de Igreja no contexto pós-moderno traz alguns desafios a serem superados, sobretudo com relação as estruturas paroquiais em que propicie para uma maior comunhão e participação de todos os fiéis. Desse modo, nós cristãos devemos buscar meios e situações que nos ajudem a sermos mais condizentes com aquilo que acreditamos e professamos, isto é, com atitude de disponibilidade, de coragem e de criatividade em prol da missão. O fundamental é percebermos que essas mudanças, só serão significativas se elas convergirem em direção ao Reino de Deus e que o Espírito Santo é o mediador que nos dá as condições necessárias para aderir e propagar o novo, levar a Boa Nova a todos os povos.

Diante desta questão, o Documento de Aparecida (2007) nos convida a refletirmos que é importante a Igreja estar aberta e ser acolhedora, abrir espaços de participação para os leigos, confiando-lhes alguns ministérios, ou seja, *“os leigos devem participar do discernimento, da tomada de decisões, do planejamento e da execução”* (n.317). Aqui percebemos claramente que o desejo é atualizar, reviver o que o Vaticano II, propôs a todos cristãos e cristãs. A ideia é ressaltar a importância e valorizar as tendências e práticas pastorais. Eis ai um desafio da nossa realidade, pois devemos buscar uma identidade de Igreja universal, em que o Espírito Santo nos ajuda nesse processo de abertura para o novo.

Sabemos que vivemos numa sociedade marcada por aspectos positivos e negativos dentro um contexto sociocultural no interior da nossa fé cristã. Se por um lado, clamamos por posturas que respeitem o próximo e a liberdade dos indivíduos, por outro lado vemos claramente que o individualismo hedonista diminuem os elos de fraternidade, de convivência e de solidariedade entre as pessoas. Além disso, o progresso das ciências, uma vida intensa, agitada, por conta do processo e dos

tempos da sociedade pós-moderna, contribuem ainda mais para o afastamento e a dificuldade das pessoas se encontrarem e formarem laços de comunidade.

Desse modo, a Celebração Eucarística é o lugar que deve ser, também, de comunhão entre as pessoas. Mesmo que esta tenha sofrido algumas incompreensões e práticas distorcidas ao longo da história do Cristianismo. Daí é necessário, é importante entender que a celebração eucarística e a pregação da palavra (...) devem estar estreitamente vinculadas.

Desde a Igreja primitiva as reuniões das comunidades tinha-se o costume de partilhar os alimentos e os bens de cada membro. Além disso, se celebravam também a entrega de Jesus pela humanidade. Não só faziam memória densa, como também atualiza a presença de Cristo entre os participantes. A participação de todos no mesmo corpo e sangue do Senhor implicava e, ainda implica, a comunhão de todos entre si: “ Por que há um só pão, nós, embora muitos, somos um só, corpo, pois todos participamos deste único pão” (1 Cor 10,17).

4. Missão: finalidade e razão de ser Igreja

Ao começarmos esta reflexão, podemos dizer que o Cristianismo nasceu de uma experiência salvífica feita pelos primeiros discípulos com a pessoa de Jesus. Experiência esta que suscitou na vida daqueles discípulos e discípulas um seguimento e um testemunho da fé em Jesus Cristo, por meio do Espírito Santo.

Na época em que a cristandade ia tomando espaço e dimensão desta realidade de fé, aos poucos se via que o contexto ajudava todos e todas a se inserirem e aderirem a vida cristã. Hoje, na realidade em que vivemos, percebemos que a atual sociedade pós-moderna, pluralista e tão secularizada, não oferece um horizonte de outrora³, conseqüentemente nos mostra uma dificuldade a ser superada.

Segundo Miranda (2009:93) *“A insistência na pregação e no ensino teórico não resolve a questão. Nossos contemporâneos são céticos com relação a discursos e ideologias, estão fartos de bombardeio de palavras nos meios de comunicação, estão famintos de referenciais sólidos e existenciais onde possam ancorar e orientar as suas vidas”* ⁴. Diante desta realidade podemos notar que o documento de Aparecida nos mostra que este desafio deve ser visto com toda a atenção, pois *“em nossa Igreja devemos oferecer a todos os nossos fiéis um ‘encontro pessoal Jesus Cristo’, uma experiência religiosa e intensa”* (DAp, n. 226).

³ Miranda (2009) Ibid. MOINGT, J. *La transmission de la foi*. Paris: Fayard, 1976. Transmettre un avenir de foi. Recherches de Sciences Religieuses 81 (1993) 11-27.

⁴ ÁLVAREZ BOLADO, A. *Mística y secularización*. En medio y las afueras de la ciudad secularizada. Bilbao: Sal Terrae, 1992.

Para que este encontro com Cristo seja profundo, intenso e eficaz seria importante propor, no sentido formativo, para as pessoas se aproximarem de realidades em que estes mesmos possam identificar o vínculo com a experiência pessoal que cada um faz, de acordo com seu ritmo e também com sua disponibilidade, com a missão e apelo de escolher fazer o Reino de Deus acontecer no mundo. Isso, de algum modo, implica em uma pré-disposição de acolher o desejo de Deus na vida, claro que de forma discernida e concreta.

Se por um lado temos a oportunidade de realizar e suscitar nas pessoas um encontro de adesão ao projeto de vida de Cristo, nas pessoas que o buscam, por outro lado esta união com Jesus pode dar uma falsa impressão de certo intimismo alheio à realidade envolvente (DAp, nn.131-134; 136-140), embora haja uma correção (parcial) desta compreensão ao se falar, na pessoa de Jesus Cristo, no sentido em que percebemos que *“no imperativo de nos fazer próximos, especialmente com quem sofre, e gerar uma sociedade sem excluídos”* (DAp, n.135).

“De fato, para muitos a experiência de Deus acontece no próprio serviço aos mais pobres e no amor que por eles se sacrifica, fruto inquestionável da ação do Espírito de Cristo. A mística do encontro de Jesus nos pobres (Mt 25, 40) costuma ser mais vivida do que tematizada e a vida de tantos cristãos e não só de uma Teresa Calcutá o comprova” (Miranda, 2009:9).

Diante desta realidade, podemos acrescentar que toda a razão de ser Igreja está na percepção, na vivência e na realização do Reino de Deus. *“A Igreja (...) recebe a missão de anunciar e instaurar o Reino de Cristo e de Deus em todos os povos e constitui o germe e o princípio deste mesmo Reino na terra”* (LG, n.5). Se o sentido da Igreja consiste na missão em levar a todos e a todas o Reino de Deus, e se esta implica em ser constituída de uma comunidade de seguidores de Cristo, podemos dizer que toda esta comunidade eclesial deve ser missionária. Se todos, poderíamos dizer assim, são *“irmãos em Cristo”*, todos constituem a comunidade, isto significa que *todos* são responsáveis e ativos na propagação do Reino de Deus, a seu modo nas orientações e nas decisões da Igreja.

Portanto, para que esta participação dos leigos aconteça de forma positiva e eficaz, o protagonismo destes, devem ser uma das condições para se ter uma Igreja mais aberta e mais acolhedora. Desse modo, a participação dos leigos ganham *“no campo da evangelização, da vida litúrgica e de outras formas de apostolados”*. Esta visibilidade e participação favorecem todos e todas a serem *“partes ativas e criativas na elaboração e execução de projetos pastorais a favor da comunidade, (...) participando do discernimento, da tomada de decisões, do planejamento e da execução”* (DAp, nn. 221, 213 e 371).

4.1 Os exercícios espirituais: modo de sentir a Igreja e corresponder os desafios atuais

Sabemos que a finalidade de ser Igreja implica em compreender que, à luz do plano de salvação de Deus, consiste na salvação da humanidade. É nesta perspectiva que a Igreja se mostra como verdadeira realização da missão salvífica de Cristo. Diante deste contexto a Igreja situa-se a missão evangelizadora que, de algum modo, cabe a toda Igreja, enquanto comunidade de salvação, corresponder aos desafios da evangelização. Contudo pode-se dizer que, em meio a esta realidade pós-concílio, a Igreja delegou aos leigos o protagonismo incumbindo esta responsabilidade de missão.

De forma crescente, podemos dizer que os centros de espiritualidade se inseriram nesta dinâmica de abertura e acolhimento, possibilitando nas mais diversas realidades um encontro pessoal com Cristo.

Neste sentido, os Exercícios Espirituais, mediante a este contexto, têm a finalidade de ser um instrumento que motive homens e mulheres cristãos a discernirem seus trabalhos de missão. Desse modo, Cavassa⁵ (2011:8) salienta que os “*Exercícios Espirituais na América Latina*” quer responder ao momento histórico em que vivemos a ser uma contribuição à formação de autênticos discípulos missionários que possam, por sua vez, ajudar outros a viverem a experiência fundante do discipulado, o encontro pessoal com Jesus Cristo e com seu projeto”.

Segundo Ernesto Cavassa os exercícios espirituais é uma importante ferramenta de ação apostólica que nos possibilita a sermos testemunhas, cada vez mais autênticas, de uma “*experiência encarnada de Deus*”. Além disso, esta prática de oração suscita em nós o desejo e o compromisso de continuar a missão de Jesus, nos tornando servidores de diálogo, da justiça e da reconciliação, “*sendo solidários com os pobres para colaborar em seu Reino* (cf. . CG 32, 4,58: CG 35, 2, 10) .

Desse modo, Cavassa ainda acrescenta que esta colaboração só é possível porque os exercícios espirituais formam “*crístãos capazes de se alimentarem duma experiência pessoal de Deus Salvador e capazes de se manterem longe dos falsos absolutos das ideologias e dos sistemas, comprometendo-se nas reformas estruturais, sociais e culturais necessárias* (cf. CG 32, 4,58: CG 35, 3, 19), pois tal colaboração implica, também, em aceitar, respeitar a cada um a sua cultura, suas qualidades e circunstâncias pessoais, como lugar próprio onde se revela a vontade de Deus, (...) a partir daí Ele interpela as pessoas.

⁵ Ernesto Cavassa, S.J (até o ano passado era o presidente da CPAL)

Para o documento de Aparecida (2007, n.178), por exemplo, algumas Comunidades Eclesiais de Base e também algumas de Comunidades de Vida Cristãs *“têm ajudado a formar cristãos comprometidos com sua fé, discípulos e missionários do Senhor, como o testemunha a entrega generosa, até derramar o sangue, de muitos de seus membros”*.

Dentre muitas comunidades, podemos citar a CVX (comunidade de vida cristã) que na sua essência busca, dentro das suas possibilidades e também além das fronteiras, no seu caminho a eficácia apostólica e a colaboração com a Companhia de Jesus.

Podemos dizer, que a CVX é um grupo eclesial que mais contribui, através de sua própria experiência, para a renovação pós- concílio dos exercícios, especialmente as modalidades dos EVC (Exercícios na Vida Cotidiana), pois é *“na CVX que os leigos podem mais facilmente ser acompanhados e acompanhar em seu processo de fé, de modo inaciano, e assimilar a característica de identificação que nos faz “ ‘companheiros na missão: através do trabalho’ ”* (EE 93). Em todo caso o desafio, para nós como membros de comunidade de vida, e neste caso particular ser membros de CVX, é buscar e, suscitar em outras pessoas, a encontrarem a vontade de Deus em todas as coisas, de tal modo que possa em tudo Amar e Servir a Deus.

4.2 A experiência do Convívio: um olhar da IGREJA sobre a JUVENTUDE

Durante os últimos três anos posso dizer que o meu campo de apostolado tem crescido, sobretudo na atuação de trabalho com jovens. Vários foram os retiros inacianos, em modalidades em etapas, a fim de possibilitar uma experiência concreta de Deus na vida da juventude. A CVX Rio, de modo especial a Comunidade Nossa Senhora da Paz, na qual sou membro e também a única, discerniu que seu trabalho missão comum é atuar, diretamente, com e para os jovens, através de retiros inacianos. Isso sem falar no campo que cada um exercia e, ainda, exerce de modo particular nas suas paróquias e grupos de pertença.

Diante da realidade que a CVX - Rio se encontrava, de escassez de jovens nas comunidades de vida cristãs, decidimos intensificar os nossos trabalhos. Daí então contamos com algumas presenças dentre eles o Ir. Davidson Braga, S.J (o articulador da Rede Inaciana de Jovens) e alguns padres jesuítas que nos ajudaram a trabalhar em Rede. Então a Rede Inaciana começou! Demos alguns passos que foram significativos na história da CVX-Rio, pois haviam alguns colaboradores de outras comunidades e congregações que entraram nessa Rede, entre elas as Congregações Mariana e o JAM, por exemplo.

Ainda tímida a proposta de rede, mas mesmo assim a Comunidade Nossa Senhora da Paz, com a colaboração dos membros, foram acolhendo este projeto de ser testemunhas concretas para outros jovens. Uma fala muito importante que ajuda a ilustrar um pouco e, a deslumbrar essa realidade motivadora, que nos possibilita, de algum modo, o desejo de ser e fazer o MAGIS (trad. em latin: mais) estão expressas no Cardeal Martini (2008:137) quando ele diz:

“...quero uma Igreja aberta, uma Igreja cujas portas estejam abertas para os jovens, uma Igreja cujo o olhar se volte para longe. (...) devemos traduzir para o nosso mundo, como ajuda para viver, como Boa Notícia que Jesus nos quer trazer. Traduzir não significa tornar inofensiva. Através da nossa vida, com coragem para escutar a palavra e dar dela testemunho, a palavra de Jesus vai mostrar sua pertinência na atualidade”.

Sem dúvidas as palavras do Cardeal Martini em seu livro, diálogos noturnos de Jerusalém, que traz esse itinerário de fé e conversão na vida dos jovens me motivou a olhar atentamente a nossa realidade de leigos, que desejam ser protagonistas e colaboradores na vida da Igreja, para serem testemunhas e levarem a Boa Nova de Cristo para outros. Desse modo, Cardeal Martini ainda acrescenta que *“os jovens podem aprender de Jesus como se tornar evangelizadores, como descobrir e reforçar nos outros o positivo. A Igreja necessita desse serviço na juventude”.*

Sob esta realidade vimos e testemunhamos que deveríamos dar um passo a mais no apostolado com a Juventude. Mas como vimos que, ao longo da história e na vida da Igreja, o Espírito Santo sopra aonde quer, os próprios jovens que fizeram a experiência de Deus, através dos Exercícios Espirituais partilhavam conosco, o desejo de fazer mais, de serem mais também na vida de outros.

Daí surgiu, juntamente, com os articuladores da Rede Jovem Inaciana o desejo de fazer algo que o jovem pudessem ter a continuidade dessa experiência vivida em retiros, que pudesse ser a continuação da oração, da comunhão e também, por que não do encontro com outros jovens. Afinal, fazer um retiro inaciano, sabemos que somos motivados a rezarmos uns pelos outros, por que não conhecermos e convivemos mais, sermos mais irmãos e mais fraternos uns com os outros?

Surge então algo inovador, dentro daquela realidade, idealizada pelos os próprios Jovens a experiência de uma Eucaristia partilhada, chamada CONVIVIUM. Convivium é um espaço que o Jovem, tem a oportunidade de celebrar, em seu tempo, a palavra e a fração do pão como exercício espiritual. É uma Eucaristia dominical para Jovens com sede de MAGIS que acontece todos os domingos as 18:30 na capela do Sagrado Coração de Jesus (Colégio Santo Inácio no Rio de Janeiro).

Sem dúvida podemos dizer que a experiência do Convivium tem sido muito significativa, pois não só é uma oportunidade dos jovens que fizeram e fazem, ainda, os exercícios espirituais se encontrarem, mas também rezar, partilhar o pão e conviver juntos. A ideia do Convivium é, justamente, viver e fazer memória das experiências das primeiras comunidades que tinham tudo em comum, como os primeiros

discípulos: "Todos os que abraçaram a fé estavam unidos e tudo partilhavam. Vendiam as suas propriedades e os seus bens para repartir o dinheiro apurado entre todos, segundo as necessidades de cada um" (At 2,44-45).

Na missa do Convívium são os próprios jovens organizam a celebração. Há algumas práticas que são feitas, tais como a liturgia e as músicas:

- No início da celebração a equipe de acolhimento propõe que a pessoa que participa do convívium pela primeira vez se apresente a comunidade;

- Ao longo da celebração, apenas é feita uma leitura, o salmo e, em seguida o Evangelho, que por sua vez é lido, pela primeira vez, por uma pessoa da comunidade e depois, sim, é proclamado por um sacerdote;

- Antes do Evangelho, o celebrante contextualiza a leitura para que o jovem, no momento da homilia, vá para sua oração (seguindo a metodologia inaciana);

- Todos saem da capela, em silêncio, e faz a sua oração que acontece uns 20 minutos (e para quem vai ao Convívium pela primeira vez é proposto que a pessoa fique dentro da capela, pois o padre fará a oração conduzida);

- Após a oração, todos são motivados a partilharem suas orações em duplas ou trios, uns cinco minutos;

- Depois a celebração segue normalmente;

- Uma novidade que chama a atenção do jovem, sobretudo aqueles que participam pela primeira vez, que a disposição do altar fica no meio da assembleia e, as pessoas que estão ao redor do altar comungam sobre ambas espécies o corpo e o sangue de Cristo- com pão ázimo e com o vinho;

- Ao final da celebração todos são motivados a conviverem mais um pouco... com alguns lanches que o próprio jovem traz para partilhar.

Desse modo, vejo que o Convívium, na sua característica de comunidade cristã, traz alguns elementos que ajuda o jovem a fazer uma experiência de encontro com Cristo, através da sua oração pessoal, que o conduz ao discernimento e, também, de encontro com o outro de modo fraterno e solidário uns com os outros. É importante salientar que estes jovens que participam do convívium são membros de CVX.

Neste sentido podemos dizer que, frente aos grandes desafios que o novo milênio nos apresenta, é importante olharmos o exemplo das primeiras comunidades cristãs. O jeito de viver daquelas comunidades aumenta a nossa esperança e nos dar pistas para enfrentarmos com mais ousadia os

atuais desafios. Neste caso, o Convivium traz algumas características desses discípulos e discípulos que buscam meios para viver uma experiência de encontro e unidade com Cristo através da oração, da perseverança e da comunhão fraterna que aumenta a unidade entre os membros da comunidade.

Desse modo, a partir da realidade dos primeiros cristãos podemos notar que a convivência e a experiência interna que estes tiveram com Jesus os motivaram a dar seguimento e levarem a Boa Nova ao mundo. A convivência com Jesus levou os apóstolos a aprenderem o seu jeito de ser e viver. Eles aprenderam do coração d'Ele. Assimilaram suas palavras, seu modo de comunicar-se e relacionar-se com o Pai e com as pessoas. Aprenderam com Ele a dar preferência aos mais necessitados, a ser fiel ao projeto do Pai. Os apóstolos ensinavam às comunidades o que aprenderam da convivência com o Mestre. O bonito é que as comunidades perseveravam fiéis a estes ensinamentos (cf. At 2,42) e "com grande energia davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus" (At 4,33).

Assim o Convivium na sua realidade e na sua proposta, também, quer ser este sinal de esperança e salvação a todos, pois a partir daí a experiência que cada um faz com o próprio Cristo, quer atrair outras pessoas através da oração, da perseverança, da comunhão fraterna e na fração do pão (eucaristia) suscitando em outras pessoas o desejo de aderir e seguir Jesus. "E o Senhor ajuntava cada dia à comunidade os que encontravam salvação" (At 2,47b). Indubitavelmente, o testemunho comove o coração humano e o arrasta para a conversão. Um exemplo muito comum é o caso de Barnabé, que, ao ver a solidariedade e a comunhão de vida entre os primeiros cristãos, vende o campo que possuía e coloca o dinheiro em comum (cf. At 4,36-37). Além da unidade, a comunhão fraterna suprimia as carências da comunidade: "Não havia indigentes entre eles... A cada um era repartido segundo a sua necessidade" (At 4,34-35).

De fato, a solidariedade, a alegria e a simplicidade são características comuns às pessoas que vivem sua fé com fidelidade. Esta partilha ou "fração do pão", realizada em casas, constituía-se numa celebração nova e específica: a Eucaristia. Portanto, é importante ressaltar que a celebração eucarística na vida das primeiras comunidades cristãs acontecia nas casas de família e era uma prática constante na vida das primeiras comunidades. E o convivium, na sua essência, quer ser esta comunidade pautada nos valores cristãos e na experiência dos primeiros discípulos.

4.3 Testemunhos dos Jovens sobre o Convivium: um lugar de encontro, de beleza e de encantamento

Gostaria neste último capítulo trazer a própria fala dos jovens no que diz respeito à sua participação e à sua atuação no Convivium, sobretudo nas suas diferentes realidades:

“ O convivium para mim é um momento de espiritualidade e confraternização, é um espaço para criar novas e duradouras amizades e celebrar junto a estes amigos a Eucaristia. É uma casa aconchegante e com a porta sempre aberta.”(Marina Baumgratz, estudante de Psicologia da PUC-Rio)

“O convivium para mim é um espaço para encontrar a Cristo de maneira mais íntima por meio da eucaristia, dos irmãos, da oração pessoal e da partilha. O sentimento final depois de uma celebração é como se tivesse vivido um pequeno retiro. Um sentimento de paz sempre nos invade e sentimos que o encontro com o Cristo foi mais próximo e significativo em comparação a uma missa tradicional.” (Thais Rosa, membro de CVX-Rio, Comunidade Inácio Peregrino)

“É um espaço onde posso unir participação na missa dominical com momentos mais íntimos com Deus e sua Palavra (...) compartilhar esta experiência com outras pessoas que gostam de viver essa mesma espiritualidade. A confraternização no fim traz ainda um sentimento de alegria e comunidade (...) o que mais gosto no Convivium é o espírito de comunidade e intimidade (com Deus e as pessoas) (...) também é interessante como os padres conduzem a celebração, com mais liberdade e intimidade, o que também contribui para um sentimento de amizade com Cristo, e não de que somos apenas "ouvintes" de uma autoridade”. (Camila Medina, participante da missa do Convivium)

5. Conclusão

Ao longo do ano ao aprofundar esta temática sobre a eclesiologia percebi que a Igreja real não deve ser uma Igreja idealizada, e sim a Igreja deve estar voltada para o mundo, começando já na atualidade. Se a sociedade hoje, tem uma estrutura mais democrática e participativa, é importante que sejamos colaboradores ativos fazendo com que outros se conscientizem sobre o seu processo de participação na Igreja.

Se por um lado a Igreja nasce de uma estrutura e uma necessidade, a partir de muitos sinais que revelavam o projeto de Deus, onde os discípulos sentiram o desejo, de viver uma realidade de comunidade onde se partilhavam tudo em comum. Por outro lado havia situações, num contexto mais hierárquico, que nos faziam ver a presença de Deus na estrutura da Igreja e não nas pessoas. Desse modo, isto implica perceber a presença do Espírito Santo, como algo que nos dá a força e o ânimo necessários, para dar continuidade a missão do próprio Cristo, pois nos motiva a caminhar rumo ao projeto do Reino Pai. Ao discutir ou pensar sobre essas questões, percebo que temos avanços e retrocessos também, mas o desafio é permanecer no seguimento de Jesus.

Desse modo, reviver a experiência das primeiras comunidades nos anima e nos estimula a percebermos uma Igreja encarnada na pessoa de Jesus, onde as pessoas, na própria eucaristia, descubrem a riqueza de partilhar o pão e comer juntos. Para mim o grande ganho que obtive, ao longo do ano, foi participar de celebrações que, nós fomos protagonistas dessa atuação sobretudo os jovens da CVX-Rio na sua missão em colaboração com o Reino. No entanto, vemos que a participação das pessoas na celebração da missa possibilita todos viver o mistério Pascal. E esta participação sugere que

seja efetiva, levando uma autêntica experiência salvífica, proporcionando-lhes uma experiência pessoal com Jesus Cristo.

Portanto, posso dizer que o Convivium possibilita a juventude da CVX-Rio viver eficazmente esta mistagogia e, também, suscitar outras pessoas, através da oração, da partilha, da fração do pão, na fraternidade e no acolhimento à mudança de vida pelo o compromisso celebrado e visivelmente na Eucaristia, NA INSPIRAÇÃO DO CONCÍLIO VATICANO II. É nessa dimensão de fé que, juntos, nos permitem alcançar, para além do sinal, o mistério salvífico de Deus na entrega de seu FILHO por nós.



Bibliografia

ÁLVARIZ BOLADO, A. *Mística y secularización*. En medio y las afueras de la ciudad secularizada. Bilbao: Sal Terrae, 1992.

Curso de iniciação teológica – Ecclesiology- Ana Maria Tepedino, 2011

KUNG, Hans. *La Iglesia*. Barcelona, Ed. Herder. 1968, pp 13-36.

MAGAÑA, Álvaro Quiroz, S.J & OSÓRIO, Hermann Rodríguez. *Exercícios Espirituais na América Latina para ajudar em nosso modo de dar os Exercícios hoje*. Rio de Janeiro: Aneas, 2011.

MARTINI, Carlo M & SPORSCHIL, Georg. *Diálogos noturnos de Jerusalém: sobre o risco da fé*. Trad. PUC;Rio. São Paulo: Paulus, 2008.

MIRANDA, Mario de França. *Igreja e Sociedade*. São Paulo, 1ª edição. São Paulo: Paulinas, 2009.

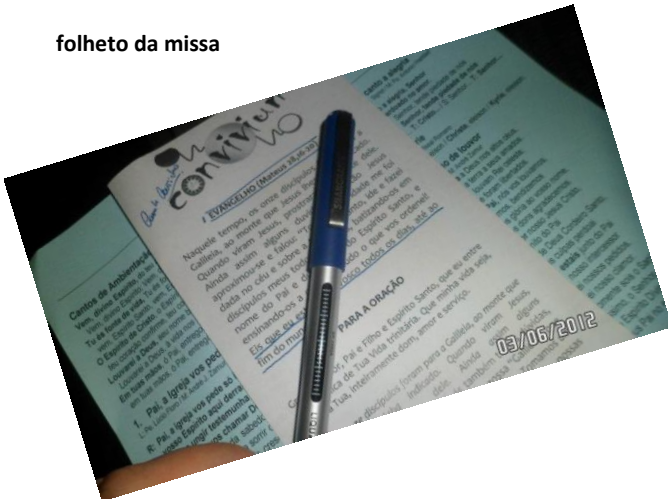
Documentos da Igreja:

Documentos do Concilio Ecumênico Vaticano II, Ed. Paulus.

Documentos das Conferências Episcopais Latino- Americanas: Aparecida (2007).

Anexos:

folheto da missa



Parte da equipe de música

Vela do Convívio



momento da oração pessoal



após a oração pessoal, um tempo partilha



Fração do Pão

Parte do CONVIVER



30

A unidade no abraço da paz

Acessórios do Convivium

